

Malan critica na Câmara a 'politização' da discussão sobre acordo com o FMI

Porta-voz do Planalto diz que não existe preconceito contra o Fundo Monetário

• BRASÍLIA. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse ontem que não existem divergências entre ele e o presidente do Banco Central, Gustavo Franco, em relação ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Em depoimento de seis horas e meia na Câmara, Malan criticou a politização do assunto e o que chamou de "bravatas nacionalisteiras". Na véspera, Franco dissera que um acordo com o FMI significaria "uma perda de soberania" para o país.

— O apoio do FMI à política econômica já foi dado nas declarações do diretor-gerente Michel Camdessus. Não precisamos de respaldo, nem de dinheiro do Fundo porque temos reservas. Se e quando um dia, como membros que somos do Fundo, resolvemos que precisamos de um acordo, o faremos com a maior tranquilidade. É um absurdo a politização do problema. Sou contra "bravatas nacionalisteiras" — disse Malan aos parlamentares.

Para fontes do FMI, fala de Franco é 'discurso antigo'

Na terça-feira, em entrevista ao jornal argentino "El Clarín", Franco admitira uma ida ao Fundo apenas na hipótese de uma crise financeira internacional de dimensão catastrófica. O porta-voz da Presidência da República, Sérgio Amaral, citou o depoimento de Malan para dizer que não existem divergências entre dois dos principais condutores da política econômica.

— De qualquer forma, quem fixa a posição é o presidente, que já deu sua opinião. Não existe

OPINIÃO

MUITO BARULHO

• O BRASIL está negociando um acordo com o FMI? Ou acha que precisa, e deseja abrir negociações?

UMA RESPOSTA afirmativa para qualquer uma dessas perguntas daria peso especial à entrevista em que o ministro da Fazenda falou com naturalidade sobre a hipótese de um acordo. E o gabinete de Pedro Malan teria agido com coerência ao divulgar no Brasil as suas declarações a um jornal argentino.

E TAMBÉM faria sentido a reação indignada de Gustavo Franco, em declarações a outro jornal argentino. Ele tem posição firmada contra qualquer apelo à organização e es-

cassa simpatia pelo próprio FMI. O seu protesto seria compreensível — se houvesse acordo no horizonte.

SERIA GRAVE, seria uma crise germinando dentro do Governo em momento especialmente delicado — mas seria também a consequência natural de divergência incontornável.

SE, NO entanto, não há intenção ou indício de necessidade de recurso formal ao FMI, torna-se impossível falar em crise.

A PALAVRA certa é trapalhada. Ou muito barulho por nada — expressão que Shakespeare usou para dar título a uma de suas comédias. Não a uma tragédia.

preconceito contra o FMI. Simplesmente não há necessidade — declarou Amaral.

O FMI não vai se pronunciar sobre as declarações do presidente do BC. Fontes do Fundo apostam que a observação dele não comprometerá as relações do Brasil com a instituição. O interlocutor do Brasil no FMI é o ministro Malan que tem excelente relacionamento com a diretoria da instituição. As declarações de Franco foram classificadas, pelas fontes do FMI, como discurso antigo.

— É coisa da esquerda velha, porque até a esquerda moderna respeita o papel do Fundo na estabilização da economia mundial — disse um graduado funcionário da instituição.

A única repercussão negativa das afirmações de Franco, segundo esse funcionário, poderia vir dos mercados que respeitam o FMI e poderiam interpretar mal a declaração. Entre os economistas de esquerda no Brasil, a avaliação de Franco sobre perda de soberania só mereceu ironias. Para

esses analistas, isso já tinha acontecido, quando o Governo optou por seguir uma política econômica que aumentou a dependência ao capital externo.

— Se soberania significa ter controle sobre certas variáveis-chave da economia, então já foi perdida faz tempo — disse o economista Luiz Gonzaga Belluzzo.

Aloísio Mercadante, candidato a vice-presidente pelo PT na última eleição, é mais contundente e disse estar espantado com a declaração do presidente do BC. Segundo Mercadante, Franco é o responsável por uma política que inviabilizou a inserção soberana do Brasil na economia mundial:

— Quem há um mês defendia o déficit bicicleta, que sempre seria financiável, sabe o tamanho do tombo. Essa declaração é uma preocupação eleitoral, porque ele reconhece que já estão fazendo o que o FMI recomendaria.

Belluzzo: acordo pode ordenar melhor o processo de ajuste

Paulo Nogueira Batista, da FGV, acha que a ida do Brasil ao FMI é muito mais consequência do que causa de perda de soberania. Ele lembra que a declaração de Franco foi pouco diplomática, pois foi feita para um jornal argentino, e o país negocia acordo com o Fundo. Só Belluzzo acha que um acordo poderia ser bom para o Brasil. Para ele, quando existe tensão em relação ao câmbio e países fizeram desvalorização involuntária e sem controle, um empréstimo coordenado pelo FMI poderia ordenar melhor o processo de ajuste. ■